

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Portuguez

Editor:

AGOSTINHO F. ROCHA

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA ELIAS GARCIA, 25 — Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA — Rua Elias Garcia, 45 GUIMARÃES

As rãs pedindo um rei

Vamos, hoje, ocupar-nos um pouco do pratinho de meio que os monárquicos tiveram a honra de oferecer á apreciação do público, com a sua muita azafama em busca dum rei que os governe.

Se não fosse intenção nossa dar a este arrazoado um tom de relativa seriedade, daríamos-lhes de conselho que, na impossibilidade de encontrarem um reininho de carne e osso, podiam mandar fazer um de encomenda, em Prado, ou mesmo ali no Rafu da Cruz de Pedra, que também os sabe fazer bem feitos.

Nós tivemos sempre por dever respeitar o ideal dos outros, quando esse ideal é defendido duma maneira leal e digna e sem subterfúgios ou processos manhosos, reservando-nos o direito de o combater e criticar, quando entendermos que ele não satisfaz ás aspirações dum povo numa determinada época.

Ora o ideal monárquico deu o seu tempo e, pelos diferentes aspectos que ele ultimamente tem tomado, não merece que o encaremos a sério.

Mas, para que os nossos adversarios não digam que nós só sabemos chalacear e criticar, sem argumentação séria que lhes possamos opôr, vamos analisar os factos ultimamente sucedidos nos seus arraiaes, fazendo deles a devida apreciação.

A attitude dos monárquicos, não falando já nos últimos tempos da monarquia, tem sido, desde a implantação da República, completamente anti-patriótica.

A monarquia caiu; e caiu pelos seus erros e pelos seus defeitos.

Que culpa tivemos nós disso? Se não temos ainda a monarquia a governar-nos, é porque os monárquicos não souberam cumprir o seu dever, olhando pelos interesses do povo e do país.

— Proclamada a República, uma nova era de paz e trabalho devia começar; e, se essa paz não existe na sociedade portuguesa, a culpa é somente dos monárquicos que a tem perturbado.

Os monárquicos podiam ter prestado grandes serviços á Patria, se, arrependidos dos erros do passado e pondo de parte a ideia da restauração, se organizassem em partido conservador da República, estabelecendo assim o equilibrio nos demais partidos políticos. Mas não. Eles quizeram ir atrás da miragem da restauração; e, de conspirata em conspirata, tem causado ao país os piores males que imaginar se pode.

Acusam-nos eles de intolerantes e perseguidores.

Se os persequimos, de quem é a culpa? Acaso foi alguém perseguido após a revolução triunfante de 1910?

Não recebeu o país a República numa expectativa benévola? Quem semeou, pois, o pomo da discórdia?

Haveria, perguntamos ainda, razão plausível, para restaurar um regime que caiu de podre, quando a República tinha ainda um ano de vida?

Os monárquicos não tem lutado por patriotismo. Não tem lutado, por verem que da sua luta poderia advir o bem da Pátria. Não. Eles tem lutado, se a essas chinfriadas se pode chamar lutar, única e simplesmente com o fim de ver se conseguem morder, e por um processo bem covarde, o pé de quem os esmagalhou sob o péso do seu desleixo e da sua incompetência.

Supérfluo seria dizer mais nada, para provar a acção anti-patriótica dos monárquicos portugueses. Mas vamos, ainda, relatar um facto que vem acabar de dar-nos razão ás nossas afirmações.

Ha tempos, não podemos precisar bem a data, os jornais anunciaram que uma comissão ou coisa parecida, representando um grupo de monárquicos irrequietos, que se apelidam de integralistas, o que equivale a dizerem-se monárquicos inteiros, (é caso para chamarmos aos constitucionais castrados) foi a caminho de Londres avistar-se com D. Manoel.

Desta conferência resultou o rompimento entre este e aqueles.

D. Manoel parece ter-lhes aconselhado uma attitude benévola para com o governo da República, no momento crítico que se atravessava, pondo acima de todos os interesses o bem da Pátria.

Acusaram D. Manoel de andar feito com os republicanos, e não trepidaram em romper com o seu chefe, por não verem satisfeitos os seus interesses pessoais.

Não ha, pois, sombras de patriotismo em tais criaturas.

• Ideal? Também não tem.

Se o seu ideal era a monarquia constitucional, deviam obedecer ás indicações do seu chefe e manter-se sempre fieis aos seus principios.

Mas não.

Os jornais noticiavam, ha dias, que a mesma comissão, ou outra semelhante, foi em peregrinação á Austria em busca de D. Miguel, prostrando-se de cócoras diante do representante do absolutismo, pedindo-lhe que lhe mostrasse o seu futuro herdeiro.

D. Miguel, certamente, para arrumar os pedintes, mostrou-lhes um petiz, de 13 anos, que será, por certo, o herdeiro dos seus bens, visto que a morte vem, em regra, pelos mais velhos.

E aí veem os ilustres, os impagáveis integralistas, de volta a Portugal, dispostos a fazerem a propaganda dum regime morto ha um século!

Como tudo isto é ridículo!

Nós olhávamos com respeito essas figuras velhas do miguelismo, que nos recordavam apenas o passado.

Mas homens d'este século; o século das luzes e das grandes ideias, em que a humanidade avança a passos agigantados para uma nova organização social, a defender e propagar o absolutismo é caso para ficarmos a matutar se é o mundo que anda todo doido, ou se são os integralistas que perderam o juizo.

Publicaram os jornais uma carta que D. Manoel dirigiu ao seu representante no nosso país.

Nela fez o monarca exilado uma espécie de incitamento ao governo da República, para a concessão da amnistia aos presos monárquicos, chamando, por outro lado, os seus partidários á rebelião.

Como é possível conceder a amnistia aos inimigos da República, se eles continuam tramando na sombra contra ela e o seu próprio chefe a isso os impele?

São muito interessantes os argumentos que os monárquicos apresentam para justificar a sua campanha.

Primeiro é a anarquia que lava na sociedade, como se dessa anarquia não fossem eles os culpados com as suas conspirações e alterações da ordem pública. Depois é a critica situação económica do país, como se Portugal pudesse permanecer alheio á grande crise que o mundo inteiro atravessa. A seguir são quaisquer acontecimentos que eles consideram como manifestações das ideias bolchevistas, como se na Itália monárquica, na Hespanha e na Inglaterra também monárquicas, se não tenham cometido os mais horribéis atentados, declarado as mais importantes grèves e manifestado a mais intensa propaganda do bolchevismo.

Não são, pois, estes os argumentos que colhem.

Se pretendem com a sua campanha contra a República opôr um dique á onda das reivindicações sociais que avança, é uma loucura.

A verdadeira missão politica, no actual momento, é ir de encontro ás reivindicações do povo, atendendo-as, quando justas, guiar,

orientar e educar as massas, libertando-as da influencia de agitadores suspeitos.

Não é por processos despóticos que se pode dominar o povo. Não seria atacar cada vez mais a fogueira que, num momento, tudo pode de truir.

Pen em ni to os monárquicos portuguezes, tanto inteiro, como quebrados, e deixem e de chineice re tauracionista, porque nada conseguem a não ser o comprometerem e cada vez mais, e so pai, afundando a Patria que o ficará avaldigoando, como áquele que a venderam, em 1580.

Uma farça

(Continuação)

O desempenho da farça ia bem e a clique apoiava com entusiasmo, tanto mais que nela encontrava farto repasto aos seus instintos perseguidores e vingativos. E os interpretes desempenhavam cabalmente o seu papel.

Na peça havia, como em todas, um certo número de actores, cujo predomínio se impunha á apreciação do publico. Dentre eles alguns ha que merecem especial menção.

Abria o prestito um simpatico actor, de cabelos anelados, rosto severo, deixando traduzir no seu riso sarcónico o odio que lhe ia na alma e espalhando aos quatro ventos, em palavras candentes de ira e inflamadas de um bem recente espirito republicano, envolto ainda no nevoeiro conservador, que, apregoando o lioz tenebrosos e gritando raivoso contra os seus pseudo perseguidores, estendia a mão amiga ao companheiro da direita, que cuidadosamente voltava para o peito a gola do seu casaco, para que ao longe não fosse desenhada a interessante insignia com que tempos antes se adornara.

O primeiro, na sua voz de Trovão soprano gritava contra a immoralidade daqueles que tendo-o conhecido bem se tinham oposto á colocação do penacho no seu valioso chapéu, enquanto que o segundo, recordando saudosos velhos tempos, ia assobiando certa musica marcial que muito bem conhecia e cujas ondas sonoras ainda lhe parecia estar ouvindo misturadas com o arrastar do manto real. Do lado, de cabeleira desgrenhada, farta, grisalha, rosto calvo e nu, olhar mago-toso e dominador, perscrutando o momento do poder, qual chancel traidor assenhorear se de sua vitima, um outro caminhava, apelando para a clique afiada de que esta apreciava o seu mérito de artista, em duas peças já comprovadas, e lhe dase em troca, á ambicionada coroa de loiros, á que os ingratos e quem de corpo e alma se havia dedicado tinham tido o orgulho de conhecer-lhe as artimanhas e não quizeram saçar-lhe a desmedida ambição.

Seguiu-se-lhes novo actor, cheio de fé republicana, bebida no gosto egotista da sua exhibição nos campos de batalha, que, no seu passo hesitante entre o que o seu coraçãozinho lhe ditava e aquilo á que a necessidade o obrigava, ia olhando desconfiado e receoso o desmoronar da peça, distribuindo apertos de mão á esquerda e á direita, para ter apoio certo, no caso de o chão ser escorregadio e correr o risco de cair.

Após este galhardo estado maior, misto de ambiciosos insaciáveis e descontentes e astuciosos embusteiros segunham-se os comparsas que acotovelandose reclamavam para si a gloria da festa e como os primeiros cantavam a trapalh da musical nós somos os puros, nós somos os bons, nós somos os honestos nós somos os salvadores desta terra perdida.

Terminado o hino em que depois de apregoado o valor do grupo se critica e condena a insignificancia, a incompetencia e quem sabe mais o que dos contrarios, entra em scena uma interessante discussão em que de um lado se afirma o socialismo e do outro se reclama rebucação para todos os musicos de côro que gentilmente vieram abrihantar a festa e torná-la exuberante de grandezza e imponencia.

O dialogo torna-se animado até que finalmente o socialismo declara ineffaz o seu método e dando a mão a palmatoria do camarada coroadado deixa que os meninos de côro cantem o seu hino de victoria e num amplexo fraternal põe termo á lucta, caminhando com eles á conquista do ambicionado pômo.

Põe-se então em marcha esta misteriosa troupe, semeando odios e vinganças por toda a parte onde ia passando, de par com pregoes de um seguro resurgimento de progresso inegalavel, de um futuro proximo da ridente prosperidade, de uma libertação certa da Irania que durante intermináveis annos os vinha afrontando nas desmeñidas ambições. Trovãjam insultos; chovem ameaças; levantam-se gritos de amargos queixumes contra aqueles que cohecento o seu visco repelente tinham evitado o seu contacto; clamavam-se vinganças; exgem-se compensações e o luzido estado maior, patudacento, tão fundido e misturado que impossível se tornava conhecer a cor das suas fardas, orgulhoso da sua obra a todos eles dava, a todos prometia, a todos assegurava a satisfação do seu desejo.

(Continua)

VARIA

O AÇUCAR

Tem dado e ha-de continuar a dar que falar o escândalo do açucar da Câmara.

É a maior das vergonhas em que caiu a dissidência, tão grande,

ão fora das medidas que nós, que sempre vivemos pela dissidência o desprezo que a foiceira mereca e o nojo e repugnância que nunca a verdade batofa e o baixo estôfo de certa gente deixou de provocar, não esperávamos que tão fundo ela viesse assaltar a bolsa do público, extorquindo-lhe escudos aos milhares sem que um esboço sequer do contos, ao menos a fingir, apareça para iludir tão sequer, os mais papalvos!

E' inaudito de arrôjo, de desfaçatez, de falta absoluta de escrúpulos, de vergonha!

Tendo nós exigido aqui contos claros que venham deitar a terra as acusações, que o povo tem feito, de grossas roubafeiras appareceu uma nota cuja dissecação já fizemos no número passado e, como complemento, aumentaram o preço do açúcar!

A última remessa que, segundo confissão da Câmara, foi de 27.000 kilos, custou pelo que se diz e somos forçados a acreditar enquanto a Câmara não provar o contrário, 32 centavos cada kilo.

Vendeu a Câmara algum a 60 centavos o kilo e agora passou a vendê-lo a 80 centavos! Ganha 48 centavos em cada kilo ou seja **150 por cento, sete vinténs e meio em cada tostão!** Ainda mesmo que se faça uma despesa de 1 centavo em cada tostão, o que já é calcular por de mais, ainda assim fica para a Câmara um lucro de 3 to vinténs em cada tostão, ou seja, nos 27.000 kilos, **um lucro de mais de 19 contos!**

Já a Câmara confessou, meses depois de ter vendido o primeiro açúcar, e depois de aberta a campanha neste jornal, que nessa venda ganhara perto de 7 contos; com mais 12 que, pelo menos, agora ganha, perfaz-se a bonita quantia de 19 contos que, legalmente, abusivamente, a Câmara arranca á algibeira do público, para fins que ainda se não sabe quais sejam.

Não pôde ser! Exausto o povo como esta com o preço excessivo de todos os géneros é uma infâmia arrancar-lhe mais 19 contos em troca dum género que a esse mesmo povo pertencia e de que a Câmara não podia ser mais do que mera intermediária ou reguladora.

Então poder-se-á admitir que, após o estúpido agravamento de contribuições que ainda ha pouco decretou e que ha-de aqui ser minuciosamente discutido, venha agora, negociando com o que pertence ao povo, arrancar-lhe mais 19 contos?

Que o povo acorde e veja e escorra quem assim o espolia e escarnece!

Mas, seja como for, venham as contas; temos daqui gritado e continuaremos a gritar: Venham as contas, claras, que todos entendam, bem documentadas, que provejam duma maneira evidente, que a ninguém deixe dúvidas, que não foram sacos de açúcar para a casa do Dr. Moreira Sampaio, nem para a de qualquer outro vereador, que não se tem feito vendas para a Póvoa por quatro e cinco escudos cada kilo, e que não ha negócios encoberthos que tenham deixado grossos lucros, que emfim tem havido honestidade e que o crime constitue sómente em se ter extorquido subertivamente do povo quantia aproximada a 19 contos, que desde já lhe vão como é de elemental justiça, ser restituídos.

Venha isso, mas venha já: evitem que com a demora se julgue que estão preparando manigâncias para nos iludir; e não se esqueçam de explicar porque foi que só depois de «A Velha Guarda» ter lançado o alarme, é que foram confessar que o primeiro açúcar deu um lucro de mais de 6 contos. Digam também por onde andou esse dinheiro até dar entrada na Câmara e provem que o lucro foi só esse e não mais.

Façam isso sem demora, para

que nós possamos daqui dizer ao povo, em letras garrafas, que os dissidentes são ineptos mas tem os bolsos limpos, anda que para tal — ao lembrar nos do dishiro do jôgo de Vizela — tenhamos de mentir á nossa consciência!

Mas, — acima de tudo! — na Câmara ha criaturas honestas; para elas apelamos; seus adversários políticos, fazendo-lhe, neste campo — o da politica — guerra sem quartel, custam-nos, sinceramente, vè-las envolvidas nesta enorme porcaria; salvem-se, obrigando a tripeça da dissidência a prestar contas, ou voltem-lhe as costas, num movimento de bem prerentória repulsa, que toda a gente veja e compreenda!

Assim é preciso para que não percam para sempre, o conceito moral em que, até aqui, foram tidas.

O A. L.

Parece que dentro da dissidência, se vai sentindo já a necessidade de se verem livres deste leproso elemento que, aonde quere que appareça, leva sempre, pelo menos, a discorda. E assim é que já quando ele vai para presidir na Câmara todos voltam costas, tendo-se ele visto na dura contigência de fazer sessões... com as cadeiras a fingir de vereadores. Procuram, sem coragem para atitudes francas, dar-lhe a entender que o não quere, mas, o que eles não sabem é que por ali nunca passou a vergonha, e que sejam quais forem as desfeitas que lhe façam, o homem ha de teimar em não deixar a Câmara e, muito menos, a vice-presidência, que, tolamente, lhe confiam.

Mas, afinal, para que aljar o A. L.?

Julgam que o Moreira Sampaio será melhor, em intelligência, em verdade, em ignorância, em valharia o maldade? Devem regular um pelo outro. Se a ambos, puzerem de parte, quem lhes fica? O João Almeida? Não caiam nessa, porque a sua liquidação politica e moral ha-de aqui ser feita, dentro em breve, por forma tal, que depois se arrependariam. Resta-lhes um que serve para presidir a uma Câmara que trate exclusivamente de baixa, de corriqueira politica, tal como aplicar e perdoar multas, tapar e abrir caminhos e outras coisas quejandias.

E' o sr. José Pioheiro: mas este, tem um grande inconveniente; o de ser monarchico, e a dissidência quere aparentar de republicana.

Está uma bota ruim de descalçar; ainda bem que isso é lá com eles.

Um sóba

Tem a dissidência no seu meio fiéis servidores a quem não deve deixar de dar franca e larga recompensa.

E como eles são muitos e pôde muito bem acontecer que alguns lhe esqueça, aqui lhe deixamos recomendado um dos seus mais importantes esteios, que sempre se tem exhibido em tropelias de toda a ordem.

Mixto de sarro e botras de vinho é ele quem tudo manda lá na freguezia: ele é regedor, ele é presidente da junta, ele é chefe politico; ele é tudo emfim. E por isso mesmo vai rebatendo as arvôres que adornam o logar de repouso onde serenamente descançam tantos que nenhuma culpa tem da sua ambição; vai favorecendo os seus amigos ou patrões com certos e determinados beneficios, etc. E julga o leitor que ele dá satisfação a alguém? Para que? Ele é tudo: só ele manda e

portanto ninguém tem que conhecer a sua resolução soberana. Isto sem falar na famigerada distribuição de assucar e outras, que a seu tempo virão a lume.

Não se esqueça a dissidência de premiar este pequeno sóba.

E ao mesmo tempo recomendamos-lhe a apreciação do leitor, que é realmente um animal curioso.

Sempre a andar

Sua excelencia, o sr. A. L. o grande moralista, o inequívavel republicano enquanto não houve quem o fizesse quise monarchico, só com a promessa do penacho da presidencia da Câmara, é tambem acusado de se ter locupletado com uma boa porção de assucar e do branco, porque o escuro podia tornar-lhe menos saboroso o chá que deixou de tomar em criança. Não acreditamos na veracidade da accusação pois sua excelencia é tão zeloso do interesse e bem estar dos seus municipes que era capaz de dar por eles até a vida e portanto não se apoderava de assucar que lhes pertencia.

Em todo o caso... Vamos andando até vêr.

A dissidência

Essa coisa que para aí se arrasta, num desfazer de vaidades tolas e em publicas demonstrações de imbecilidades, só tem demonstrado que a sua falta de dignidade é tão grande, que a sua falta de caracter é tão profunda, que constantemente estão produzindo a sua queda, pois não ha coisa de culto que os levante! Nunca, que lembre, se viu uma Câmara tão odiada! Toda a cidade e todo o concelho são unisonos em condemnar e amarrando-a ao pelourinho da ignominia!

Que tristeza e que nójo. Tristezza sim, porque, depois de 10 anos de Republica, haver pantominheiros, que, dizendo-se republicanos, mais afudam, por a sua incompetencia, o regimen. Nójo, porque esses imbecis tudo fizeram para se anicharem, desprezando e calcando os principios, que todo o homem de bem tem obrigação de respeitar.

Mas o principal tratante foi esse intruso que por nosso favor subiu, um homem mau de caracter e de indole, um importado dos taes cortellos... Dizemo-lo bem alto. Se nelas se meteu, nelas se havia de encontrar. Mas não. Quando não lhe agrada, licencêa-se, ficando a substituí-lo a balôfa figura do A. L. Ruculos! Que tristeza e que nójo.

A Companhia de Seguros «ATLANTICA»

Ex.^{mas} Srs. Directores da Companhia de Seguros «ATLANTICA»

Porto.

Pela presente venho manifestar perante V. Ex.^{sa} o meu muito grato reconhecimento pela exata prontidão e iquidade, com que foi liquidado o sinistro de fogo nos meus haveres seguros nessa Companhia pela apolice n.º 114734 não obstante pessoas mal intencionadas e de instinctos mal fazejos, propalarem boatos de

tam grande maldade contra esta Companhia, e, até de me fazerem crêr a sua ruina o que considero uma grande injustiça, que se faz, a quem tam prompta e satisfatoriamente me satisfizes por completo.

Queiram pois V. Ex.^{sa} fazer desta o uso que entenderem.

Muito reconhecidamente grato, sou de

V. Ex.^{sa}
Mt.º At.º Vdor. e Obg.º

(a) Francisco Machado.

Noticiario

Peregrinação á Penha

No domingo 12 realizou-se a annunciada peregrinação á Penha. Por lá nada succedeu de anormal. A tarde, porém, em plena cidade, é assassinado á facada Antonio Rodrigues, caiaador, morador á rua 3 de Outubro. A' noite, de regresso á cidade, dão-se tiros, cacoladas etc. Em Urgezês, houve tambem desordem, sendo agrido um filho de sr. José Maria Leite. Houve ainda um desastre, ficando morto, por ser apanhado por um automovel, um pobre homem. Enfim, o dia da peregrinação ficou bem assinalado, em 1920.

Fernando da Costa Freitas

Tem estado entre nós, de visita a sua mãe e tia D. Eulalia Chaves, este nosso illustre conterraneo, que em Lisboa exerce, ha anos, o cargo de empregado superior da Companhia do Niassa, sendo um dos principais colaboradores da antiga revista de Manica e Sofala.

Os nossos cumprimentos.

Armando Nogueira

Já regressou de Vila do Conde, acompanhado de sua esposa e cunhada, o nosso amigo sr. Armando da Costa Nogueira, illustrado escrivão do 1.º officio do juizo de Direito desta comarca.

Francisco Gonçalves Guimarães

Regressou da Curia, a sua casa de Polvoreira, deste concelho, o nosso amigo e cotreligionario sr. Francisco Gonçalves Guimarães.

Visconde do Paço de Nespereira

No seu palacete do Proposto, tem estado bastante enfermo, o nosso amigo sr. Gaspar Lobo de Sousa Machado (Visconde do Paço de Nespereira). Oxalá que o illustre ancião, possa resistir á enfermidade com que se debate, são os nossos maiores desejos.

Delivranceo

A esposa do nosso amigo sr. Paulo Machado Lobo (Nespereira), a sr.^a D. Joana de Sousa Viamonte da Silveira, deu á luz uma creança do sexo feminino, a qual recebeu o nome de Maria da Assunção.

Os nossos parabens.

Antonio Lima

Partiu para o Porto, fixando residência na rua de Santo Ildefonso, o nosso assaiante e amigo sr. Antonio Pereira de Lima.

Tendo chegado ha pouco de terras d'Africa, onde permaneceu longos anos, dedicando-se á vida commercial, acaba de constituir sociedade com varios seus amigos naquella cidade do Porto.

Muitas felicidades.

OBITUARIO

D. ANTONIA RITA RIBEIRO DIAS

Faleceu, no dia 22 do corrente, na rua da Republica, nesta cidade, a sr.^a D. Antónia Rita Ribeiro Dias, de 72 anos, proprietaria. A extinta senhora era casada com o nosso amigo sr. Rodrigo José Leite Dias, proprietario da farmacia Dias, da mesma rua.

Aquele nosso amigo enviou-nos a expressão sincera do nosso pesar.

Expediente

Prevenimos os nossos assinantes de que vamos proceder á cobrança, pelo correio, da importância da assinatura relativa ao semestre corrente, de que este número é o décimo sexto.

Atendendo a que é grande a despesa de cobrança e a que este jornal, feito sem qualquer intuito de lucro, representa um encargo para a sua empresa, esperamos dever a todos a grande fineza de pagarem os recibos, logo que lhes sejam apresentados.

ANUNCIOS

Casa Penhorista Vimaranesa

(FUNDADA EM 1880)

RUA DA REPUBLICA, 144
GUIMARÃES

Leilão de Penhores

Em harmonia com o artigo 1.º do decreto de 1 de Outubro de 1900, faz-se público que no dia 24 e seguintes do próximo mês de Outubro, pelas 10 horas se procederá, na sede desta casa, á arrematação de todos os objectos que se consideram abandonados por falta de pagamento de juros, os quais, para evitar a venda dos mesmos, se recebem até ao dia 20 do referido mês.

Guimarães, 16 de Setembro de 1920.

Os proprietarios,

Peixoto & Rocha.

Prepianho

Precisam-se 50 braças com palmo e meio de bitola dentro de 30 dias.

Propostas para a Rua de Santo Antonio, 34.

Jeronimo Rocha

NOTARIO E ADVOGADO

Cartorio do escrivão Nogueira.